

## **ACTO MÉDICO**

REFLEXÕES SOBRE 50 ANOS DE VIDA PROFISSIONAL

(Portugal, Timor, Austrália, Brasil)

INESUL - 22.09.2014

José Ruivo da Silva

Titular da Cadeira nº 12 da

Academia de Letras, Ciências e Artes de Londrina

## ACTO MÉDICO

I - Prefácio.....	3
II - Introdução – .....	7
III - Vocação .....	10
IV - Acto Médico.....	12
– A Confiança.....	13
– A Doença.....	15
– A Consciência.....	21
V - Cirurgião → Médico → Homem .....	23
– Família– Instituição em desaparecimento.....	26
– A Escola.....	29
– Interferência do Estado .....	33
- Razões Econômicas .....	33
- Do Absurdo da Intervenção Estatal .....	36
- Razões Políticas.....	39
VI - Algumas Reflexões.....	40
– Como se Constrói o Saber?.....	40
VII - Educação Médica.....	43
– Formação Técnica do Cirurgião .....	45
VIII - Conclusões.....	49

## I - Prefácio

O prefácio de um livro é qualquer coisa que se escreve após ter terminado de escrever o livro, e que se coloca como páginas de abertura desse mesmo livro.

Antes de prosseguir, desejaria fazer um esclarecimento.

Aquilo que ides ouvir, facilmente pode ser classificado com “elucubrações demenciais, fruto dos delírios de uma mente esclerosada e senil.”

Geralmente, quando não há argumentos válidos a opor, se busca o descrédito apelando para o ridículo ou para a troça.

A sabedoria chinesa ensinava que, quando no decurso de uma discussão, um dos intervenientes partia para a agressão, confessava que, com isso, tinha perdido todos os argumentos a contrapor ao adversário.

Assim facilmente eu me classifico como um “indivíduo politicamente incorreto”; pois desde sempre me recuso a aceitar um relativismo dominante e avassalador, e continuo a pensar que Verdade é; e não pode nunca ser e não ser simultaneamente.

Em religião, eu continuo a ser Católico, Apostólico, Romano, acreditando sem reservas naquela Fé fundamentada na Revelação Divina, e que a Igreja, fundada na Rocha de Pedro, desde sempre ensinou, e foi a base da construção da civilização Lusíada, Cristã e Ocidental.

Nela, o Dogma, verdade revelada por Deus, em seu Verbum Jesus Cristo, é definitivo, eterno, inefável e imutável; e nunca poderá ser variável, consoante os chamados votos democráticos, de uma maioria constituída por um pseudoteólogos de plantão, que se deixam “engabelar” pelos insensatos “sinais dos tempos”, ou Ventos da História. Logo sou retrógrado, cafona, fundamentalista, intransigente, etc, etc.

No entanto, estou pronto a mudar de opinião quando, verdadeiramente fundamentados na palavra de Jesus, naquela que São Jeronimo transmitiu, e não nas fajutas traduções que, desde as Reformas Renascentistas, nos têm vindo a impor os autotransclassificados “Des chrettiennes qui prennent des positions” , os chamados progressistas, e tantos outros que por aí vicejam.

São já mais de 4.300 igrejas que se dizem cristãs. Na Folha de Londrina se disse que existem 800 templos de confissões cristãs, só em Londrina. E nisto, algo está errado.

Postas estas considerações prossigamos:

É tarefa gigantesca aquela que aqui hoje me propus; o de pretender reflectir em 45 minutos, sobre os acontecimentos que decorreram numa vida de quase 85 anos.

Diria até que seria preciso obter um milagre, e eu ainda não fui promovido a Santo, ou como se informa no filme “A Felicidade Não Se Compra” : ainda não ganhei as asas de anjo de 1ª classe.

Mais do que pensar sobre a História de uma vida, o que hoje se pretende aqui é o reflectir sobre a Filosofia da História, que nos leva a nela procurar saber não só sobre os autores que escreveram a História, mas sobretudo a procurar conhecer as motivações que os levaram a agir. Dizia-se que Deus faz a História; aos homens apenas compete escrevê-la. E nunca poderemos esquecer que os tão propalados e insensatos “Ventos da História” e serão, ou leves ou suaves brisas, ou violentos furacões que tudo destroem, consigo trazendo ruínas, dor e morte: sempre dependem de quem os assopra.

E para todo o homem, antes de tudo, se impõe o Dever de exercer o Direito de buscar a Justiça, em favor do Bem-Comum.

E se Justiça é o Dever de dar a cada um, aquilo a que esse um tem direito, o primeiro de todos a ser contemplado em seus Direitos é Deus, Criador e Senhor de tudo e de todos.

E isto é válido e impositivo para todos aqueles a quem foi dado o poder de julgar e dirigir; ou seja, para todos aqueles que, elevados aos cargos de direcção e administração, tem o Dever, e não o Direito de mandar, orientar , corrigir e conciliar.

Mandar é pois um Dever, não é um privilégio, não é um direito.

Mandar é uma prestação de serviços, por obediência a um Senhor, ao qual no fim se terá de prestar contas; e que, terminada a nossa carreira neste mundo nos fará uma pergunta terrível, a que teremos de responder:

“Que fizestes da tua vida?”

O grande estadista e humanista católico que foi o Prof. Salazar, ensinava:

“Obedecer, eis a melhor escola de aprender a mandar.”

Queria agora fazer um reparo, suscitado pela leitura do cartaz pelo qual se anunciava esta pretenciosa conversa.

Nela se escreveu: Ato médico, omitindo a letra c que deveria estar antes do t.

Como vários jornais, revistas, associações culturais e entidades outras, em Portugal e em alguns países de língua oficial portuguesa, como Moçambique e Angola, por exemplo, que não referendou nem aceitou o ditatorialmente imposto acordo ortográfico, gerado mais por interesses económicos, da ordem de milhões de Euros ou Reais, do que pelas regras da ortografia, eu também não aceito o tal acordo.

E justifico. As palavras nascem em famílias, mais geralmente originárias do grego ou do latim, ou das variadíssimas línguas que os portugueses encontraram por esse mundo além.

Assim, actuar, actividades, actuação, actualizar, acto e mais algumas outras palavras tem a sua origem na palavra acção. E se escreve com dois c, porque em sua pronúncia, o primeiro c substitui o acento agudo que seria necessário colocar para que o a inicial tivesse um som aberto. De outra maneira, o acento ... da palavra seria transferido para o ditongo ãõ, tendo o primeiro a um som fechado. O mesmo se dá com a palavra hebraica Abbá, que significa Pai. O primeiro b tem o mesmo significado de dar ao primeiro a um som aberto. Mas eu não sou lexicógrafo.

Os livreiros e editoras que estiveram por detrás do acordo, que não foram os gramáticos que enriqueceram em milhões de reais, fornecendo todos os livros e dicionários que os governos foram obrigados a comprar para distribuir nas escolas e centros culturais, e que os nossos impostos pagaram.

Ainda complementando: se se escrever Ato, essa palavra pode confundir-se ou entender-se como sendo a primeira pessoa do singular do presente do indicativo do verbo atar: eu ato, tu atas, ele ata, etc. O que afinal talvez não seja muito descabido em face dos médicos; pois que, de há já longos anos, os governos, em

especial os ditos governos socialistas, têm vindo a atar os médicos, impedindo-os do exercício pleno de sua atividade profissional, cortando-os nos seus direitos e deveres de homens livres e profissionais conscientes e responsáveis, com definitivo prejuízo dos doentes.

A regressão à instituição grega de médicos-escravos públicos, é uma realidade a que temos vindo a assistir.

E não é só na Medicina que isto está vindo a acontecer.

## II - Introdução –

O Professor Renato Ávila, amigo muito caro de há mais de 10 anos, me intimou a que hoje viesse fazer algumas reflexões sobre o Acto Médico.

Em última análise, o exercício do Acto Médico foi a minha razão de ser e estar neste mundo. Foi, afinal, todo um perpassar da minha vida profissional, e o caminho no qual Deus me colocou para, no seu termo, chegar até à Eternidade, quando, como todos nós, teremos de responder à pergunta que Êle nos fará: “Que fizeste da tua vida?”.

Arriscando-me agora a ser acusado de plagiar o médico e escritor português Fernando Namora, que escreveu um livro intitulado: “Retalhos da Vida de um Médico”, talvez também eu possa intitular estas minhas falas como: “Retalhos da Vida de um Cirurgião”, se tiverdes a paciência e a caridade de me ouvir.

Ao estar diante de vós, sinto-me apreensivo e atemorizado. A excelência, a qualificação e a magnitude deste auditório; a delicadeza do assunto em questão que, a todos interessando, certamente irá despertar as mais variadas opiniões. E as notícias, geralmente veiculadas, que apenas buscam ouvintes e leitores nos mais variados meios de comunicação, geralmente descompromissados com a verdade dos factos; e as mais tendenciosas exposições sobre médicos e medicina normalmente expostos por pessoas desprovidas dos conhecimentos básicos e necessários para que seja possível a formação de uma opinião esclarecida, colocam-me aqui e agora numa situação extremamente susceptível de controversa.

Numa busca da Verdade, daquilo que é; (do acordo do Ser com a definição que dele possuímos) e que é o objectivo final de todos os homens esclarecidos e

bem intencionados, as mais das vezes nos deparamos com situações em que é possível dizer; repetindo o saber popular:

**“Pior do que a ignorância, é o pouco conhecimento”**

E é este “pouco conhecimento”, geralmente informado por interesses económicos, político-partidários ou apenas pessoais, a que temos vindo a assistir.

E é tanto mais perigoso e nocivo, quanto este pouco conhecimento é geralmente atrevido, agressivo e impositivo nas suas formas de exteriorização. (Geralmente, a soberba que o informa sempre fala mais alto).

Na minha já longa vida, a busca pela Verdade tem sido sempre o meu objectivo final. E o primeiro postulado do pensamento filosófico que afirma:

**“Nada pode ser e não ser ao mesmo tempo”**

tem sido uma diretriz efetiva para o meu pensamento, contrariando o hoje em moda:

**“ A aliança do Sim e do Não”**

No relativismo corrente tão em moda, é frequente o seguir as diretrizes dadas por Staline, num Congresso do Partido Comunista em Moscou: ( em 1925(?))

**“Verdade é o que convém ao partido no momento dado”**



E aquilo a que hoje chamamos de branco, amanhã pode ser chamado de preto.

Certamente haverá discordância para as minhas palavras; mas apenas vos peço que escutem e imitem Voltaire, quando disse:

**“Não concordo com uma única palavra  
daquilo que estais dizendo; mas defenderei  
até à morte o teu direito de dizê-lo”**

Este meu pedido de tolerância não invalida o estabelecimento do diálogo, do “causam diccere” presente nos tribunais da antiga Roma; e que terei muito gosto em estabelecer com qualquer de vós que queira contradizer-me, ou simplesmente pedir novos esclarecimentos.

Reflectindo sobre factos acontecidos em mais de cinquenta anos de vida pessoal e profissional, alguém já disse que “A Memória é a Vivência dos Velhos”, tenho assistido às mais variadas distorções da Verdade. Do primado do Ser, se passou ao culto do Ter que conduz ao Poder e ao Prazer.

Davide Rockefeller dizia:

**“ O exercício do poder absoluto tem um efeito orgásmico”**

Desse Poder, hoje reservado apenas a alguns poucos “Senhores do Mundo”, se obtém o Prazer, que é a isca pela qual é atraída e controlada a manada abúlica e cega na qual a maioria dos homens se está transformando. Na sua insensatez,

ignoram que estão sendo manipulados como o era aquele “cãozinho” que foi objecto das experiências de Pavlov, que salivava ao ouvir o toque da campainha.

O toque da campainha que iniciava o processo dos “reflexos condicionados”, hoje foi substituído por qualquer coisa a que se chama “moda”, “inclusão social”, “sinais dos tempos”, “ventos da história”, etc. etc.

Focando os “ventos da história”, digo eu que é preciso ter cautela com quem as assopra. Porque, ou podem ser suaves brisas, ou furiosos furacões que estão determinando o caos, os genocídios, as destruições a que hoje estamos assistindo disseminadas em todo o mundo. Há algum tempo se contavam 79 focos de guerras locais, hoje serão talvez muitos mais.

### III - Vocação

- Até aos meus 16 anos de idade vivi, com meus pais, em íntima ligação com minha avó, de quem era o menino querido. Extremamente obesa, e sofrendo de cardiopatia crónica, sempre me lembro de a ver doente; mas com uma firmeza de vontade, clareza de espírito, e até com uma pontinha de vaidade; pois que sua “toillete” matinal sempre acabava com a aplicação na pele da face com uma loção que se chamava “Leite de Rosas”, e que vinha de Paris.

Teria eu talvez uns seis a oito anos de idade. Minha avó se sentava numa cadeira de verga que tinha vindo da Ilha da Madeira, junto da janela sacada (varanda); e eu, num pequeno banco sentado a seu lado, deitava minha cabeça nos seus joelhos.

E me dizia ela: “Vais crescer, vais estudar muito, vais ser médico para curar a tua avó velhinha”. E, em todos os meus doentes, mesmo inconscientemente, eu sempre encontrei um pedacinho de minha avó velhinha.

Faleceu com 84 anos, tendo tido a alegria de me ver cursar o segundo ano da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.

E os princípios básicos que estruturaram a civilização Lusíada Cristã Ocidental, Deus, Pátria, Família, Honra, Dever e Servir, mesmo atravessando todas as turbulências pelas quais tenho passado nestes meus quási 85 anos de existência, sempre tem estado presentes no meu Ser, Pensar e Agir, bebidos que foram no seio de minha grande família. Deus, Pátria, Família, Honra e Dever, e aprender o que o primeiro dos deveres é o de exercer a Justiça, que consiste em dar a cada um aquilo a que esse um tem direito. E o primeiro alguém a ser contemplado na distribuição da Justiça é Deus. Por isso, se lê no Evangelho:

**“Dar a Deus o que é de Deus; e a Cesar o que é de Cesar”**

Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo; e Jesus acrescentou o Mandamento Novo, quando prestes a ser imolado numa cruz:

**“Amar a Deus sobre todas as coisas, sim, e ao próximo como  
Eu vos amo. E Ele amou até a dar a vida por todos aqueles  
a quem deu o poder de se tornarem filho de Deus”.**

Como disse São João.

#### IV - Acto Médico

Há mais de sessenta anos, e cursando eu já os estudos médicos na Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, me chegaram às mãos dois livros publicados em França pela editora “Du Cerf, de Paris”, cujos títulos eram:

“Qu’attendais-vous du Medicin?”

“Qu’attendais-vous du Pretre?”

Vários autores, de diversas profissões, responderam a estas perguntas. Apenas relembro as geniais respostas dadas pelo ilustre pensador francês, membro da Academia Francesa, e que se chamou “George Duhanel”, pela sua objectividade e concisão:

À primeira pergunta respondeu:

**“Acto Médico, é o encontro de  
uma confiança com uma consciência”**

À segunda pergunta respondeu:

**“La vie, par les sacrements”**

(A vida, pelo sacramentos a que se referia era seguramente a Vida Eterna)

É então a primeira resposta o objectivo da nossa reflexão.

E “*ab initio*” se nos propõe uma definitiva verdade: Confiança e Consciência são atributos de duas pessoas humanas, livres e pensantes, que livremente se encontram e livremente tomam decisões que somente a eles dois dizem respeito.

Podem dizer-me que o homem vive integrado numa Sociedade; mas, a sociedade em si, é abstração, sem identidade própria, sem alma, sem sentimentos; e, como tal, não tem o direito de interferir na liberdade do indivíduo enquanto decide sobre algo que diz respeito à sua vida, ao seu bem-estar, ao seu inalienável direito de Ser. Isto não invalida o princípio de que o direito de um termina aonde começa os direitos dos outros.

Da filosofia do Bem-Comum, tão querida de São Tomaz de Aquino se devem tirar os princípios que regem a Vida Social.

Fundamentados num materialismo ateu hipócrita e mentiroso, hoje se preconiza que o Médico, às vezes, digo eu, “industrial de medicina”, ao exercer um acto médico, mais não é que um operário limitado pela técnica e pelo tempo, a quem é entregue pelo Estado, uma máquina que, quando possível, deve consertar ou substituir os órgãos; quando se torna imprestável deve matar, ou destruir essa máquina que lhe foi entregue. Ilusão? – Não.

Na Holanda, a dita eutanásia dos idosos e aposentados, mesmo não estando doentes, ou contra sua vontade, é Lei. Na Bélgica, a eutanásia, ou talvez eugenia, em crianças é Lei. E não só lá. E com esta desculpa legal os técnicos de medicina sub-repticiamente aderem à agora imposta Cultura da Morte.

#### – **A Confiança**

“Sentimento de segurança, de certeza, tranquilidade, sossego, daquele que confia na probidade de alguém”. (do dicionário)

Talvez em latim encontremos: “*Cum fidae*”. A Fé é um sentimento que acompanha naturalmente todo o homem desde o seu nascimento. Na sua fragilidade de criança, bebé inerte e de tudo incapaz, que se entrega cegamente nos braços da mãe e do pai; neles automaticamente confia e descansa. Crescendo, o infante em que se transforma vai alargando o seu acreditar às pessoas que o rodeiam: - a família, em primeiro lugar; depois, na escola, aos amigos, aos professores, até que aprende a discernir quais as razões de sua credibilidade.

Nas famílias cristãs, se aprende do Evangelho que, “da árvore má não podem colher-se bom frutos; como da árvore boa se não colhem maus frutos”. Disse o Senhor: “crede em Mim; ao menos por verdes as obras que Eu faço”.

E todo o homem, em pleno uso de sua razão, aprende a olhar para as obras, para avaliar a credibilidade das pessoas e do seu Amor.

Até na mais simples conversas se encontra um acto de Fé. Aquele que escuta as palavras que alguém profere, acredita que, na verdade, elas são o expressar do pensamento daquela fala. E, às vezes, podem não ser. O Santo Padre, o Papa João Paulo II, em suas exortações apostólicas chegou a definir o Século XX, como o “Século da Hipocrisia”. E penso em que essa hipocrisia se está prolongando no decorrer do Século XXI.

Disse ainda o Senhor: “Ninguém pode amar mais do que aquele que dá a Vida pelos seus amigos”. E muitos médicos isso o fizeram ao longo da História, dando a vida pelos seus doentes. Porque, na Verdade, um Acto Médico bem compreendido, é sempre um acto de amor, de compaixão, pelo irmão que sofre.

Laennec, médico francês que inventou o estetoscópio, depois que viu dois meninos brincar, falando um com o outro, na extremidade de um tronco ôco, tendo dedicado a sua vida ao tratamento dos doentes tuberculosos, morreu após ter contraído aquela doença.

Na recente epidemia de “Ebola” que está grassando na África Equatorial, já contraíram a doença e morreram um médico camaronês, uma freira francesa e um sacerdote, que se entregavam ao cuidado dos doentes.

Pessoalmente, em Timor, durante uma guerra artificialmente inventada com o fim de roubar aquela Província Ultramarina à soberania de Portugal, que fora livremente escolhida e adoptada pelos povos timorenses, há perto de 500 anos, ali também quási perdi a vida no Hospital em que trabalhava, e numa emboscada que me foi preparada pelos traidores das forças armadas portuguesas. Só não morri porque na altura era o único médico que estava em Timor, e os timorenses não tiveram coragem de me matar.

#### – A Doença

E o homem adoeceu. O acidente, o esgotamento físico que provoca uma diminuição da resistência à exposição das doenças, contagiosas, e, inevitavelmente, com o avanço da idade, a diminuição da capacidade dos órgãos para exercer as suas funções, as doenças degenerativas, levam à debilitação da máquina corpo humano, que, como qualquer outra máquina se vai deteriorando com o uso.

É então necessário procurar o conselho de alguém que se preparou arduamente para poder ajudar os doentes que a ele recorrem.

No albor do Tempos, a Medicina dos Caminhos, eram os doentes colocados na beira dos caminhos, na esperança de que algum viajante que por ali passasse, tivesse encontrado um caso semelhante e soubesse de algo que permitisse a cura. Com o decorrer dos tempos e nas várias civilizações, o sacerdote, o médico, o feiticeiro (o homem-medicina dos índios americanos) o curandeiro se foram confundindo entre si e no curar as doenças de quem as procurava. Foi ainda à sombra da Igreja Medieval, que surgiram os médicos sacerdotes, os abrigos, os leprosários, os hospitais, os asilos, aonde eram recolhidos os doentes e tratados consoante as possibilidades das épocas.

A minha origem portuguesa não me permite deixar de citar duas figuras que foram marcantes na Medicina.

O primeiro: Petrus Hispanicus Portucalensis sacerdote, médico, que foi eleito Papa com o nome de João XXI. Foi ele considerado um dos homens mais cultos do seu tempo – como filósofo, escreveu um livro intitulado: “SUMA LOGICALLES” que atingiu cerca de quatrocentas edições e ensinou lógica por mais de trezentos anos nas Universidades Europeias. Como Médico, escreveu um livro intitulado: “THESAURUS PAUPERIS” – que chegou a ser traduzido para mais de doze línguas.

O segundo: São João de Deus, no século XV fundador da Ordem dos Irmãos Hospitaleiros, que se dedicou inicialmente ao tratamento dos doentes psiquiátricos; mas que no seu primeiro hospital em Granada, recebia todo o tipo de doentes e peregrinos.

A ele se deve toda uma reformulação do tratamento dos doentes psiquiátricos, que ainda hoje é válida.

Lendo a Bíblia, no Capítulo XXXVIII (38) da Livro da Eclesiástico encontramos:

“Como se comportar em face da doença e da morte”

E podemos ler:

Cap. (38) – Honra o médico, porque Ele é necessário, porque o Altíssimo é quem o criou. Porque toda a medicina vem de Deus.

...Filho, não te descuides de ti mesmo na tua enfermidade, mas faz oração ao Senhor, e Ele te curará. Oferece um generoso sacrifício e depois disto dá lugar ao médico; pois para isso é que o Senhor o estabeleceu...



Virá tempo em que cairás nas mãos deles. E eles mesmos rogarão ao Senhor que envie por meio deles o alívio e a saúde, em atenção à sua vida santa.

- Dieulafoy, cirurgião dos exércitos de Napoleão dizia: “Je les pensait; Dieu les guerit”.

Desde sempre, e embora aposentado à 13 anos, ainda hoje rezo pelos meus doentes.

Na busca de auxílio, o homem doente procura um médico que o oriente, que o acompanhe; e, se possível, que o cure. Mesmo quando se torne necessário convocar um ou mais especialistas para obter um correcto diagnóstico e um efectivo tratamento, é este, o primeiro médico, o meu médico, que deve representar-me na tomada de decisões.

Pessoalmente, no decurso das minhas cirurgias sempre exigi que o médico assistente do paciente estivesse presente na sala de operações e, quando necessário, opinasse em nome do doente anestesiado.

Era antigamente, este médico assistente, o responsável pela saúde do doente, da família, e às vezes de toda uma aldeia. E a nós vem a memória o médico João Semana, encontrado no romance “As pupilas do Senhor Reitor” do escritor e médico português Júlio Diniz, pseudônimo do Prof. Dr. Joaquim Guilherme Gomes Coelho.

Os conhecimentos médicos têm vindo a crescer entre os homens com uma rapidez avassaladora. E a nossa pequena inteligência não consegue absorver e abarcar em profundidade todos eles. Mas é absolutamente necessário e fundamental que, alguns de nós, permaneçam com os conhecimentos gerais básicos, para poder haver uma perfeita coordenação entre todos os sectores em que se está subdividindo a prática médica.

Só assim poderá existir uma eficaz ajuda ao homem doente. Creio que a criação das múltiplas especialidades, isoladas entre si, e sem uma visão do conjunto, agravada pelo facto de que logo que entra na Faculdade o estudante de

medicina se orienta para um determinado sector, com exclusão de todos os outros, é a causa da maioria dos erros médicos a que temos assistido, e aos quais os jornais dão toda uma publicidade alarmista.

Adiante falaremos de erros médicos e possíveis causas.

Não resisto agora a dar mais um testemunho pessoal:

- No sétimo ano do meu curso de Medicina, então exclusivamente destinado a estagiar em Serviço de Medicina, Cirurgia Geral, Ginecologia e Obstetrícia e Pediatria, e à elaboração de uma tese de licenciatura, tive necessidade de frequentar o Instituto de Histologia e Embriologia, anexo à Cátedra com o mesmo título, da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.

Para defesa de minha tese, eu estava procurando encontrar histologicamente os caminhos percorridos pelas células cancerígenas causadoras do Cancer do Pulmão, que têm seu início na membrana celular basal do epitélio brônquico, aonde sabemos que o câncer têm a sua origem, e os gânglios linfáticos de drenagem pulmonar, que são a primeira etapa da sua localização, quando começa a disseminação pelo corpo.

O Prof. Doutor Manuel João Xavier Morato, professor catedrático titular daquela cátedra tendo-se interessado pelo meu trabalho, mandou sua secretária convidar-me para ser seu Assistente na Cátedra de Histologia, introduzindo-me assim na carreira docente universitária.

Agradecendo-lhe, muito reconhecido, pela honra que me era concedida, lhe disse: “ Mas Senhor Professor, desde que entrei na Faculdade, no primeiro ano de estudo das aulas prácticas de Anatomia Descritiva, sempre pensei em ser cirurgião...”

Ao que sua Excelência me disse: “Então vai; mas nunca te esqueças de que, o cirurgião, antes de ser cirurgião, é médico”. Ao que eu acrescentaria, porque o conhecia há sete anos, e sabendo que estava também em seu pensamento: “Antes de ser médico és homem”. E é, ou pelo menos deveria ser, sempre o

homem médico que irá ajudar o homem doente. Isto, as mais das vezes, hoje está esquecido ou não existe mais. Até porque, frequentemente e consoante as especialidades a que se dedica, o médico nem chega a ver o doente. Adiante, ao tratarmos da consciência, retomaremos este ponto.

Hoje, o poder económico, que apenas se regula por estatísticas, objectivando auferir um maior lucro possível, e o poder político que procura eliminar do médico o poder que ainda tem de influir na formação de opinião de seus pacientes, destruíram o direito de livre escolha do paciente; e o direito de livremente actuar do médico.

E os próprios médicos não estão isentos de responsabilidades no caos que na saúde se instalou. Li, não sei onde, que cerca de 30% dos políticos em exercício de funções públicas são médicos. Assim tanto eles como aqueles que ainda fazem clínica, não usaram do seu poder persuasivo para que a Medicina continuasse a ser uma profissão liberal, como sempre fora.

O trio de profissões que ainda detinham o poder de formador de opinião de homens pensantes e responsáveis, formado pelos Sacerdotes, pelos Professores e pelos Médicos, tem de ser combatido e destruído a qualquer preço, para castrar o pensamento do homem vivendo em sociedade, na qual teriam de tomar decisões.

A livre escolha do médico está restrita aos já poucos doentes que podem pagar; os outros pacientes são obrigados a aceitar os médicos que lhe são impostos. Na Rússia, na Inglaterra (o medical care) em Portugal (os serviços de saúde) no Brasil, (os planos de saúde, os seguros saúde ou o S.U.S. – o Sistema Único de Saúde, e se é único, no futuro, não poderá haver nenhum outro) a isso obrigam.

No caso da Medicina, o objectivo dos poderes públicos, reflexos do Governo Mundial instituidor da Nova Ordem Mundial preconizada pelos associados do Club de Bilderberg, é o de transferir o factor confiança, até agora centrado no homem-médico, para a instituição na qual o médico de plantão é

apenas mais um operário, descompromissado e mutável, em face do homem doente; que é agora, um número inscrito numa papeleta que lhe é trazida.

Note-se que uma instituição qualquer que ela seja, não têm alma, não tem sentir, não tem querer, e sobretudo não assume qualquer responsabilidade.

E é somente o sentir, o amor-doação, que leva o homem-médico a tudo sacrificar pelo irmão que sofre: o homem-doente.

O homem operário não tem qualquer espécie de sentimento em relação à máquina que lhe dão para consertar.

Não resisto agora a lembrar uma pequena parábola, mostrando como a imagem do médico era vista nos tempos medievais, e que talvez hoje se possa ainda encontrar. Porque os homens são sempre os mesmos homens em todos os tempos.

Numa série de quadros feitos em xilogravura se mostrava:

- Quando a doença se instala, e o paciente corre o perigo de perder a sua vida,  
o médico é olhado como um Deus.
- Afastado o perigo imediato e as melhoras do doente são visíveis, o médico é  
olhado como um Anjo.
- O doente entra em franca convalescença, estando já perto de sua cura, o médico passa a ser olhado apenas como um homem.
- Agora totalmente curado e restituído à sua vida normal, quando médico apresenta uma nota de seus legítimos honorários, fruto de seu trabalho honesto e por vezes sofrido, o médico é olhado como um Demónio.

E isto ainda hoje acontece. No fundo, no fundo da nossa alma permanece sempre aquele nosso dissimulado desejo de me vingar de alguém que me constrange e obriga a sujeitar-me a coisas desagradáveis, fazendo de mim um polícia de mim mesmo, que me impõe a obedecer-lhe no cumprimento de seus conselhos.

Afinal, é tal o seu poder que, se diz à Rainha de Inglaterra: dispa-se, ela se despe. E se diz ao Presidente dos Estados Unidos ou ao Presidente da Rússia: quero examinar a sua próstata, eles a isso se submetem.

Então, sempre que surge uma oportunidade, damos uma “mordidinha” no médico; e, quando não na pessoa, em toda uma classe: “Açougueiros, Máfia de Branco, dinheiristas, etc. etc.”.

#### – **A Consciência**

- 1) – Conhecimento imediato da própria atividade psíquica.
- 2) – Psicologia – parte da atividade psíquica de que um sujeito tem um conhecimento intuitivo.
- 3) – Filosofia – estado no qual o sujeito se conhece enquanto tal, e se distingue dos objectos que o rodeiam.
- 4) – Faculdade de fazer juízos de valor sobre os próprios actos.

- **Consciência profissional** – honestidade e esmero postos na execução de um trabalho. (do dicionário)

O Abordar do tema: “Consciência”, obrigatoriamente nos leva a pensar no “Homem”; no Ser criado a Imagem e Semelhança de Deus. (Genesis)

Da nossa observação podemos verificar que todo o homem se desenvolve paulatinamente. Iniciando-se numa pequena célula original, se forma um corpo físico. e igualmente, a alma e o espírito que animam esse corpo e lhe dão o Ser e a Identidade próprias; e do mesmo modo se dilata e cresce; como o "Menino Jesus crescia em idade, sabedoria e em graça, diante de Deus e dos homens", como o diz o Evangelho de São Lucas (Cap. II – vers.51).

E é este crescer no corpo e dilatar na alma que forma e educa o homem no seio da família bem formada. Dizem-nos os estudiosos que aos sete anos de idade, o carácter está formado, tendo então sido gerado um santo ou um demónio.

Note-se que não estou dizendo que, no decurso da vida se não possa mudar o santo em demónio ou o demónio em santo; pois que, com a Graça de Deus, tudo é possível. E este "tudo" é um absoluto, do qual não pode haver excepções.

É pois no seio da família que o sentimento inacto "Consciência" se orienta, cresce e se desenvolve até a ao final da existência do Ser, quando o Criador em si acolhe a sua criatura para a Eternidade.

**"Servo Bom e Fiel, entra na Alegria do Teu Senhor"** como diz o Evangelho.

O exemplo dos "maiores", (pais, avós, tios, primos) é o grande factor que influencia a criança e a conduz no caminho do existir.

**"Faire comme le Papá"**, diziam os franceses.

**"A Palavra convence; o exemplo arrasta"**.

## V - Cirurgião → Médico → Homem

Tudo começa no homem. E como nasce o homem?

Fruto de Amor. Em primeiro lugar é ele o fruto do Amor de Deus pelas suas criaturas; que a cada homem gerado no corpo físico por seus pais biológicos, se compromete a criar uma “Alma” que vivifica pelo sopro de seu Espírito Santo (o Ruah” que sai da boca de Deus), dando assim origem a um “EU”, que pensa, actua e sobretudo é capaz de amar.

É também o homem o Fruto do Amor recíproco entre Marido e Esposa. Gerando um filho, obedecem ao instinto que os orienta na propagação do género humano, e assim realizam o mandato de Deus: “Crescei e multiplicai-vos”. “E deixará o homem seu pai e sua mãe e se unirá a sua mulher; e serão dois numa só carne”. E, no filho gerado, em seu corpo é impossível discernir e identificar o que se originou do pai ou da mãe.

E é no seio da família que o homem nasce, cresce e se desenvolve até atingir a plenitude do seu Eu, do Ser vivo imagem e semelhança do Deus-homem: Jesus Cristo.

É então no seio de uma família bem constituída que se forma um homem que, entre nós, cultuará os valores fundamentais da Civilização Cristã Ocidental:

“Deus, Pátria, Família, Honra, Dever”. E é nestes parâmetros que seu comportamento pessoal, moral e profissional se espelha, se realiza e se manifesta como homem: - criatura; obra-prima do Deus Criador.

Os “Senhores do Mundo” prepostos de Satanás, e acreditando que este mundo transitório é deles, e movidos por seu ódio a Deus, se propõem e buscam o roubar a Glória do mesmo Deus procurando destruir a beleza de suas criaturas.

De facto, este Mundo foi dado a satanás, não pela mão de Deus, mas pela desobediência de Adão e Eva. Mais uma vez recorremos ao Evangelho de São Lucas (Cap. IV – vers.5) que, descrevendo a tentação de Jesus no deserto, põe na boca de Satanás as promessas: “Tendo mostrado a Jesus todos os reinos da Terra, todo o seu poder e a glória deste Mundo, disse a Jesus: Tudo isto é meu, porque me foi dado, e eu dou-o a quem me parece. Tudo isto te darei se, prostrado me adorares...”

O Senhor Jesus repudiou-o, vencendo a tentação. Mas, os Senhores deste Mundo, adorando Satanás, dele o receberam; e dividiram os homens em dois grupos: Eles, os Senhores, detém todo o poder e toda a Glória deste mundo que passa. Todos os outros serão escravos, controlados por um microchip de lítio, neles implantado sob a pele da testa ou do dorso da mão direita.

Os escravos bons e obedientes, serão protegidos e recompensados. Os escravos maus, desobedientes, aqueles que insistam em querer ser homens livres e pensantes, serão mortos.

Dirigindo-se a seus discípulos, Jesus lhes disse: Vós não sois deste Mundo, como Eu não sou deste Mundo. Se vós fosseis deste Mundo, o Mundo amaria aquilo que era seu; mas vós não sois deste Mundo.

E foi calculado que até fins do Século XX, foram cerca de 70 milhões os mártires católicos que deram a sua vida, em tormentas, por não serem deste Mundo. - Cerca de 40 milhões só no Século XX –

No Século XXI, nos países em que ser católico ou converter-se ao Catolicismo implica a pena de morte ou a prisão, e em especial nas múltiplas guerras inventadas no Próximo Oriente, os mesmos mártires católicos, também crucificados ou lapidados como o têm sido desde há 2 mil anos, talvez já excedam 1 milhão. (Eu tenho fotografias de lapidação na Somália). A última maldade, na Nigéria hoje, é o raptar as mulheres e crianças cristãs, para as vender como escravas e assim comprar armas e financiar a guerrilha. Os haréns, hoje, continuam a existir. A destruição da Família; o difamar e procurar e desacreditar os Sacerdotes que nos falam de Deus e nos orientam para Deus na eternidade; e



neutralizar dos Professores que nos ensinam a pensar, e nos preparam tecnicamente para ser úteis ao próximo no desempenho das várias profissões; é o grande objectivo que está sendo perseguido desde que se passou de um mundo teocentrista medieval para um mundo homocêntrico renascentista, a que os humanistas, mais claramente depois de Erasmo de Roterdã, nos está conduzindo.

Diziam eles: Deus existe; mas no sétimo dia da Criação descansou de seus trabalhos e entregou aos homens o governo do Mundo, enquanto Ele dorme.

E o resultado desse governo dos homens, sequazes de Satanás. Está à vista. Um estudo feito pelas Universidades da Irlanda, Holanda e Bélgica, (se me não falha a memória) chegou à conclusão de que o Q.I. – o quociente de inteligência do homem do século XXI, está 17,5% abaixo do quociente de inteligência do homem da época vitoriana – cerca dos anos 1900; a “Belle Époque” francesa.

E é o decréscimo da capacidade cognitiva e intelectual que irá facilitar a redução de homens livres a escravos, que é o “desideratum” final dos Senhores do Mundo.

**NOTA** –

Ver os livros:

- “**O Anticristo**” - ( o poder oculto por detrás da Nova Ordem Mundial)

Autor: Robin de Rooter

Editora: Avé Maria

- “**A Corporação**” - ( o início do governo Mundial do Futuro)

Autor: Nicholas Hagger

Editora: Cultrix – São Paulo

- “**A História Secreta do Ocidente**” – ( a influência das organizações

secretas na História Ocidental, da Renascença ao Século XX)

Autor: Nicholas Hagger

Editora: Cultrix – São Paulo

- **“A Verdadeira História do Club de Bilderberg”**

Autor: Daniel Estulin

- **“O Instituto Tavistock”** – (as forças ocultas que nos controlam)

Autor: Daniel Estulin

Editora: Publicações Europa-América

#### - **Família– Instituição em desaparecimento**

Nestes tempos de libertinagem instituída, que de liberdade nada têm, do “É proibido proibir” (e já em si esta afirmação está em contradição consigo própria; porque, se tudo, sem qualquer excepção, é proibido, também é proibido proibir o proibido). Nesta época do culto dos Direitos Absolutos, que excluem qualquer tipo de Dever, do “ficar” sem sentimento motivador, afecto ou responsabilidade, do divórcio fácil e da abolição do matrimónio, sacramento perene, apenas pode nascer e desenvolver-se um homem sem princípios, sem Lei, para quem o outro só existe na medida em que lhe possa dar prazer; afinal cria-se um monstro, ou talvez um animal que, como o boi ou como um carneiro livremente cruza com uma fêmea ao acaso no interior do rebanho ou da manada, e deixa que o Estado ou o Sistema tomem conta dos filhos gerados.

Utopia? Fantasia? Não. Assim aconteceu com os “Filhos de Hitler” gerados no acaso do encontro de jovens em acampamentos de juventude, e a partir dos quais se formaram os exércitos das SS na Alemanha Nazi.

No Brasil ao mesmo tempo que se responsabilizam os pais pelos desregramentos dos filhos, se instituem formas de cerceamento do pátrio poder, como a Lei da Palmada, e a Declaração dos Direitos da Criança e do Adolescente, e os Conselhos Tutelares que pretendem controlar os pais.

Em Portugal se introduziu na Escola primária a Educação Sexual e nos manuais distribuídos se ensina, além de métodos anticoncepcionais, a masturbação e a livre sexualidade.

Na França, além das aberrações anteriores se instituiu uma Lei Rouet, do autor que a fez aprovar e na qual se ensina às crianças de 6-7 anos de idade que o sexo que desejam aparentar é uma livre escolha dos meninos e das meninas. A família, os pais e os avós, que insistem em educar os filhos segundo os órgãos anatômicos que possuem, pelas crianças devem ser olhadas como inimigos, opressores, que impedem a liberdade que elas tem de livremente escolher o sexo que querem ter. Repito: isto aos seis anos de idade. Li, recentemente que um menino de 6 anos, Lulu, obteve oficialmente a mudança de sexo num país da América Latina – a memória me falha ao querer relembrar os pormenores.

Tudo isto leva à destruição da família humana que, como tal foi instituída e querida por Deus. E, de um ser egoísta, descompromissado, deformado na alma e no espírito, como pode nascer um homem, e depois um médico responsável?

E, hipocritamente, esta mesma sociedade que está destruindo nos homens todos os valores humanos, clama e se agita para que haja uma Medicina mais humanizada? Não foi esta uma das razões que se usaram para justificar a importação de médicos-escravos de Cuba?

Um outro factor que leva à desagregação da família é ao desorientado comportamento da juventude está na ausência de Mãe no Lar.

Antigamente se dizia:

**“O homem constrói a casa; mas a mulher edifica o Lar”**

Na Idade Média aquando da cerimônia em que se celebrava um casamento, à esposa eram entregues as chaves da residência ou do castelo, e das arcas e baús aonde se guardavam os enxovais, utensílios e bens da família.

Isto significava ser ela a Rainha e Senhora do Lar, a quem era entregue a gerência da Família e a Educação dos Filhos.

No Império Romano, não sei exactamente se Cícero, Catalina ou outro pensador esclarecido da época, atribuía a decadência em que vivia a antiga Roma à ausência das Matronas Romanas de seus lares. Divorciadas quatro ou cinco vezes, entregues à futilidade do momento, deixavam a educação dos filhos entregue aos pedagogos, geralmente escravos gregos comprados. A pedofilia, cultuada nos exércitos de Esparta, passou a correr solta em Roma, com a progressiva degradação dos costumes, o que levou à queda do Império Romano. Sodoma e Gomorra não são uma alegoria; existiram realmente, e suas ruínas foram encontradas pela arqueologia.

Há mais de 3 mil anos, na antiga China, já um estrategista militar aconselhava a infiltração de agentes no interior dos povos inimigos ou a conquistar, com a específica função de corromper a juventude.

De jovens, viciados, abúlicos, egoístas e corrompidos não se pode formar um exército forte e poderoso que resista a uma invasão.

Hoje; de um homem, espiritualmente doente, amoral, egoísta e muitas vezes solitário não se pode formar um médico ético, comprometido com o amor e o sacrifício.

Os baixos salários oferecidos aos chefes de família, a-pesar-dos altos lucros auferidos sobretudo pelas grandes empresas multinacionais, obrigam as esposas a sair de casa para aumentar a renda familiar, e assim proporcionar maior bem-estar e melhor educação para os filhos.

Também as duas grandes guerras mundiais deflagradas no século XX e cujos desdobramentos ainda não terminaram, obrigando as mulheres a ocupar nas fábricas o lugar deixado vago pelos homens que passaram a combater, lhes

deu o gosto da independência monetária, e o buscar, não só ser igual, em poder, ao homem, mas também passar a mandar no homem. E assim se ignora que, neste mundo, a unidade querida por Deus, e a igualdade da dignidade de filhos do mesmo Deus, se realiza na complementaridade e não na uniformidade de funções.

Posso testemunhar que meu pai entregava totalmente o seu salário a minha mãe, que o administrava. Os seus gastos pessoais e as despesas com a nossa escola eram custeados por serviços extra que prestava, além de seu emprego como Tesoureiro da Câmara Municipal de Abrantes, e depois Director Administrativo do Dispensário Policlínico Central da Junta Distrital de Lisboa. E nunca, em 30 anos de vida conjugal que tiveram até à morte de minha mãe, nunca ouvi a mínima discussão ou briga entre eles.

#### – A Escola

Desde há muitos anos que se tem vindo a estabelecer uma grande confusão entre o que significa Educação, e do que significa Instrução.

Pretende-se então atribuir ao Estado-Nação politicamente organizada – e para o qual são eleitos administradores com a finalidade específica de buscar o Bem Comum, o poder de educar; o qual é na verdade um direito inalienável e intransferível do agregado familiar; porquanto educar não é função pública. O estado é uma abstração; não tem alma, não tem sensibilidade ou sentimentos, não tem moral que possa transmitir e oferecer o Bem Comum.

Recorramos de novo ao dicionário:

**Educação** – processo que visa o desenvolvimento harmonioso do ser Humano nos seus aspectos intelectual, moral e físico, e a sua inserção na sociedade.

**Instrução** – ensinar, doutrinar, por ao corrente, informar, esclarecer.

Na Educação, é a família que ensina e orienta a criança como comportar-se não só no seio familiar como na sociedade, não esquecendo o como comportar-se para com Deus. A Religião, qualquer que ela seja, conjunto de regras que relaciona o homem com Deus, é o grande orientador e o fundamento de toda a vida humana.

E porque os conhecimentos técnicos se dilataram no decurso dos séculos, foi confiado as Escolas, delegadas das famílias (e não do Estado) a transmissão dos conhecimentos complementares para que deles resulte uma efectiva integração na sociedade e na Nação.

Hoje, o Estado, ou melhor entendido: os governantes eleitos mas que passaram a se assenhorar do poder como se fosse seu, pretendem impor as ideias dominantes advindas dos partidos que representam, e não das famílias ou dos cidadãos que os elegeram.

Renegando o dever de buscar o bem-comum, impõe os fundamentos doutrinários das minorias que representam. Particularmente em relação a Religião, inventaram um tal de Estado Laico, que nem sabem definir, pretendendo uma independência moral e cívica ditada pelos partidos a que estão filiados.

Assim foi na Rússia, aonde se proibiu o ensino religioso cristão, mas se impôs a difusão do ateísmo militante, como “religião do Estado”. Assim foi na Alemanha, na educação dos filhos de Hitler. Assim está sendo por todo o mundo actual, na tentativa de, na Nova Ordem Mundial, apenas existir uma Religião de Estado. *“Imperatur; Dominus Divinus Est”*.

Nofrontispicio da porta de entrada do Instituto de Zootecnologia, em França, se escreveu:

**“ Ciência não tem Pátria nem Religião”.**

Ao que o grande homem e grande cientista que foi Louis Pasteur acrescentou:

**“Mas os cientistas têm”.**

Transpondo para hoje: “ O Estado é Laico; não tem religião”; ao que podemos dizer: “Mas os estadistas têm”. Mesmo que os deuses sejam êles próprios.

A grande desgraça actual é a de que os grandes estadistas, são uma raça em extinção, condenadas a desaparecer. Hoje o que está em alta são os administradores; pois que, só o lucro conta.

O fim proposto pelos Senhores do Mundo está em que a Escola actual apenas transmita os conhecimentos sectoriais e parcelares que possam formar bons operários, técnicos e especializados nos vários ramos das indústrias, garantindo uma produção qualificada e só essa.

Os conhecimentos avançados estão reservados apenas aos escravos mais capazes, em inteligência, habilidade e obediência, que formarão a elite pensante, e serão os representantes do “grande irmão”, e em seu nome governarão.

Estando em Paris, em 1954, tomei conhecimento que, na “Sourbonne”, os filhos dos professores da Faculdade de Medicina, e alguns outros poucos alunos oriundos de grupo específico, além de assistirem às aulas normais oferecidas a todos os universitários, tinham aulas especiais de aperfeiçoamento só a eles reservadas.

Logicamente, em qualquer concurso, estes alunos sempre venceriam os primeiros lugares.

Há uns seis anos, na Europa, se reuniram na Universidade de Bologna um grupo de reitores das universidades dos países integrantes da União Europeia. O seu

objectivo era unificar o ensino universitário europeu, com a finalidade última de permitir a livre actuação dos licenciados em todos os países da Comunidade. Foram então criados 463 cursos universitários, todos com a duração de três anos, que dão o título de Licenciados. Aqueles alunos que o desejem podem fazer mais dois anos de estudo, e obtém o título de Mestre. Nesta manipulação de conhecimentos, os licenciados ficam em grau semelhante aos dos alunos que cursavam as antigas Escolas Técnicas do tempo em que estudei.

E o Mestre, categoria que antigamente não existia, não sabe mais do que o antigo licenciado.

No meu tempo de universidade, para se obter o título de Doutor, era preciso, em primeiro lugar ter obtido em todo o curso de Medicina uma média geral de 16 valores. Depois, como assistente de um Professor Catedrático, se trabalhava mais seis anos, se fazia uma tese de doutoramento, se dava uma lição magistral de duração de uma hora, e a que assistia todo o corpo docente da Faculdade, que aprovava ou não o candidato.

No jornal semanário português “O Diabo”, um artigo publicado em julho deste ano teve o seguinte título:

**“A Universidade está a criar imbecis que são iguais à classe política existente”.**

Fruto de uma entrevista a um professor universitário que, logo a seguir à “Revolução dos Cravos” foi saneado e expulso de sua cátedra e de sua universidade apenas porque não era comunista.

Em outro artigo no mesmo jornal se denuncia; já saíram de Portugal 120.000 licenciados pelas universidades portuguesas; enquanto 82.000 não conseguem encontrar emprego há mais de um ano.

Do processo de destruição das escolas, com instalações precárias, mal conservadas, e muitas vezes sem o mínimo de condições pedagógicas, também faz parte a destruição dos professores.



Eles próprios formados por escolas ineficientes, recebendo salários aviltantes que os obrigam a trabalhar em três ou quatro instituições diferentes, sem tempo para se actualizarem ou mesmo para um necessário e merecido repouso, sem dinheiro para comprar livros, acabando por ser desrespeitados, vilipendiados e por vezes agredidos pelos próprios alunos e suas famílias. Os bons professores, que muitos ainda são ou procuram ser, são hoje uns verdadeiros heróis que merecem todo o nosso respeito e gratidão.

Li, não sei onde, que 82% dos alunos que completaram o segundo grau são analfabetos funcionais. E se não sabem absorver os conceitos que leem, seguramente não sabem pensar.

Mas é isto que se pretende: massa de manobra manipulável pelo binómio: *“Panem et circensis”*, da Roma antiga.

Volto a afirmar: de homens assim formados por estas escolas como se pode esperar que resultam médicos, responsáveis, éticos, capazes de sacrifício, e muitas vezes de sentimentos humanos?

## – Interferência do Estado

### - Razões Económicas

Disse Steve Trent – (entrevistado em 31.01.1996)  
No livro: “Armadilha da Globalização”

**“Hoje, no mundo, já não se trata apenas de dinheiro;  
Mas, mais do que alguma vez acontecera, de uma luta  
Pelo poder entre o Mercado (financeiro) e o Estado”.**

Alguém acrescentou: “ E os financistas estão ganhando dos políticos”.  
E digo eu: “Afinal não são os financistas, as grandes empresas, os

grandes bancos, as grandes construtoras, que financiam as campanhas eleitorais?”

Hoje, efectivamente é o poder econômico que manipula e controla o Estado. As monstruosas dívidas internas e externas, quási todas impagáveis, e criadas para satisfazer o “ego” ou a cupidez dos governantes, obrigam os administradores a obedecer aos credores internacionais, os quais, por sua vez, não querem ver as dívidas pagas para não perder o seu poder de controle.

Portugal, de estado economicamente equilibrado, e credor no período que foi até 1945, mesmo sustentando uma luta de guerrilha paga pelos financistas internacionais, após os 40 anos de demagogia e malversão em que a dita Revolução dos Cravos o levou a bancarrota, é agora um simples joguete nas mãos do Banco Mundial, do Fundo Monetário Internacional e da Comunidade Europeia.

Li, creio que ainda no jornal o “Diabo”, que dos fundos enviados pela Comissão Europeia para Portugal, sessenta bilhões de euros desapareceram sem que se saiba qual o seu destino.

Quando a Medicina era ainda uma profissão livre, e as medievais Santas Casas de Misericórdia efectivamente funcionavam sem a deletéria intervenção do Estado, nunca ninguém morria sem assistência médica ou à porta dos hospitais, como hoje acontece.

Os quinhentos anos de existência da Santa Casa de Misericórdia de Lisboa ou da Cidade de Abrantes, terra onde nasci, são desse exemplo.

Posso ainda dizer com orgulho que, de há mais de cem anos, sempre houve um ou mais de meus familiares fazendo parte da Irmandade Gestora de entidade.

Quando a Previdência Social e a Assistência passaram a ser geridas pelo Estado; e, posteriormente, os seus orçamentos incluídos no Orçamento Geral do Estado, assim perdendo toda a autonomia, começou o deficit e os descalabros nas suas contas. Não posso entender como a Previdência Privada, e o Seguro

Social dão lucro às seguradoras, aos Planos de Saúde e às Companhias de Seguro, e a Estatal dá prejuízo aos cofres do Estado.

Nas instituições estatais, a busca por um menor custo, (o que acho que facilmente se obteria se os medicamentos, aparelhos e materiais usados na medicina, bem como os livros usados para os estudos médicos fossem isentos dos quase 50% de impostos que os oneram) leva os administradores a escolher materiais de segunda classe de qualidade inferior. E muitas vezes as complicações surgidas nas cirurgias se devem à má absorção das suturas usadas; e às vezes até à sua contaminação bacteriológica. As infecções hospitalares.

Os responsáveis administradores das finanças da Previdência como um todo e da saúde em particular se regulam na tomada de decisões pelas estatísticas, esquecendo o princípio básico universal de que a Medicina não é, nunca foi nem pode ser Matemática.

Quando cheguei ao Brasil, no Hospital de São Francisco, de Cambé, em cada prontuário, em cada cirurgia, eram discriminados todos os gastos tidos com materiais e medicamentos. Um auditor no S.U.S. verificava a factura que depois era paga.

E muitas vezes o auditor negava o pagamento de um ou mais itens, que no seu entender não deveria ter sido usado. Já aqui existia uma abusiva interferência no tratamento que eu livremente escolhi. Com o decurso dos tempos, a administração do S.U.S. determinou que o pagamento seria feito consoante o custo médio do procedimento executado, dado pela estatística. Esta actitude levou à falência e ao encerramento de 852 hospitais particulares em todo o Brasil. Como justificativa do que estou dizendo: houve uma altura, trabalhando eu em Sertanópolis, que uma cesárea custava só em medicamentos e materiais ao Hospital de São Lucas 530 reais; e por este procedimento, o S.U.S., estatisticamente pagava 235 reais.

Ainda outro exemplo: das milhares de cirurgias que realizei, cheguei a fazer uma apendicectomia em 10 minutos (um familiar chegou a perguntar: “olhe lá doutor, isso ficou bem operado?”) mas também cheguei a fazer uma outra apendicite, altamente complicada, que durou 4 horas e meia. Como podem ser

pagos com os mesmos preços os gastos feitos num e noutra caso? Por este exemplo se pode voltar a dizer : Medicina não é Matemática; Medicina não é estatística.

E no alto custo da Medicina estatizada, não influirá o alto custo do “cabide de empregos”, em que ela se transformou? Em Cambé, quando eu pedia autorização para fazer uma cirurgia, e afinal era eu que tinha todo o trabalho médico em relação ao doente, vinha mais espaço para quatro ou cinco assinaturas; para o auditor, para o revisor, para o administrador e finalmente para quem autorizava o meu trabalho.

Resumindo: quatro ou cinco pessoas ganhavam, e muito bem, à custa do meu trabalho.

#### - **Do Absurdo da Intervenção Estatal**

Acabo de ler no jornal o “Diabo” de 12 de agosto de 2014 o seguinte artigo com o título.

#### **“Se as consultas demorassem só 15 minutos, não havia falta de médicos de família”**

##### Subtítulo:

Tribunal de Contas recomenda ao Ministério da Saúde que liberte médicos dos centros de saúde de tarefas administrativas. E critica exclusão de setentas das listas de médicos de família “por razões administrativas”.

O primeiro absurdo está em que, os integrantes do Tribunal de Contas, que seguramente não engloba médicos nos seus quadros, pretenderem que uma consulta médica demore em média 15 minutos. E se 15 minutos é o tempo médio, seguramente haverá consultas que demorem menos de 15 minutos. E a

ignorância está em que uma consulta médica bem feita, com exame completo do doente, nunca pode demorar menos de uma hora. Este era o tempo concedido para anamnese e exame de um doente, em concursos públicos para admissão nos diversos internatos dos Hospitais Civis de Lisboa, e que era acrescido de mais 15 minutos para o pedir exames complementares de diagnóstico, e a que seguia mais uma hora para escrever o relatório, discutir o diagnóstico e propor tratamento. Os auditores do Tribunal de Contas tinham verificado que, há 2 anos, o tempo médio de uma consulta era de 21 minutos. E que, se fosse admitido que 15 minutos era um tempo razoável para o atendimento, seria possível fazer mais 10,7 milhões de consultas a cada ano, o que resolveria o problema de falta de médicos em Portugal. Outra ilação que se pode tirar: com mais consultas efectuadas por cada médico diminui o salário, (preço consulta) mensal. Uma forma disfarçada de aumentar o imposto da classe médica.

Uma outra abusiva intervenção sobre o acto médico está na proposta de que “se reconsidere o papel dos diferentes técnicos de saúde permitindo a libertação de horas”, para os médicos poderem realizar mais consultas. Por exemplo, pondo as enfermeiras a desempenhar algumas tarefas que hoje estão atribuídas aos clínicos.

Como exemplo no Brasil, a Diretoria da NUBEC, começou por ser entregue a uma Professora do Quadro de Assistentes Sociais. Depois foi assumido por um enfermeiro. Hoje não sei o que se passa. Mas li nos jornais que a nova Superintendente do H.U. é uma Professora de Enfermagem, que assim tem em seu poder o controle de todos os médicos professores universitários que nele trabalham.

E assim, e não só a classe de enfermagem, mas todas as demais especialidades e técnicos que da Medicina derivaram, e sob as mais esfarrapadas desculpas querem o poder de mandar nos médicos, sem uma preparação científica que lhes conceda um justo juízo das situações e umas adequadas soluções.

Em 1571 – Luís de Camões em seus versos já lamentava:

**“Oh! Ânsia de mandar  
Oh! Vã cobiça”**

Mais um exemplo pessoal:

Quando eu clinicava na NUBEC, em que eram atribuídos 15 minutos por cada consulta, uma vez, um professor, chegou até mim e disse:

“Doutor eu não estou doente; mas preciso desabafar”. E esteve uma hora à minha frente, falando e chorando. Minha Chefe mandou-me dizer que o tempo tinha passado e tinha outros doentes à espera. Ao que eu respondi que estava atendendo e não poderia interromper. E acabei a minha função de psicoterapeuta.

Uma segunda vez aconteceu:

Um aluno, calouro do curso de História, entrou no meu consultório dizendo:

“Doutor; não estou doente, mas estou perplexo e não sei o que fazer. Sou pobre e com dificuldade me matriculei no curso de História – e estou perplexo e desorientado.

Acabei de ter a minha primeira aula e a Professora disse: “ Aqui, a História estuda-se sob o ponto de vista marxista. Quem tiver outras ideias, pode desde já desistir porque já está reprovado”.

Ao que eu respondi: Você vai ser mais inteligente do que a idiota dessa professora. Vai assistir às aulas e decorar as apostilhas que essa professora transmitir. E quando chegar a altura do exame, responde exactamente como ela quer ouvir.

Mas como há ainda um pouco de liberdade, você vai procurar nas bibliotecas outras opiniões de outros autores. E pensando por si, tira as conclusões que lhe parecerem corresponder à verdade. Porquanto sabemos que o marxismo obedece a Staline quando disse: “Menti, menti, sempre; porque da mentira alguma coisa fica” num congresso do Partido Comunista de Moscou. Não sei se seguiu o meu conselho, porque nunca mais o vi.

### - **Razões Políticas**

Já largamente as citamos. Aqui apenas queremos enfatizar a interferência dos políticos na medicina apenas procura ou combater o poder de orientador de opiniões, que alguns médicos ainda detém, ou captar para as fileiras dos partidos médicos que, detendo ainda esse poder, possam alavancar o avanço eleitoral desses partidos.

Como exemplo: nas últimas eleições para Prefeito Municipal, nas cidades de Londrina, Cambé e Sertanópolis, em todas elas houve um médico candidato.

Dos médicos não compromissados com os partidos, o mandamento é destruir o seu poder de formador de opinião.

E isso está sendo conseguido pela negação da liberdade de acção do médico. É-lhes impedido a livre escolha dos métodos de acção, a livre escolha dos medicamentos a utilizar, é lhe restrito o tempo de atendimento para os pacientes, e sobretudo é lhes reduzido os parâmetros salariais, revivendo os médicos escravos da Grécia e de Roma.

Os médicos cubanos que vieram para o Brasil, são na verdade escravos que foram alugados pelo governo marxista cubano, ao governo marxista (disfarçado) brasileiro.

## VI - Algumas Reflexões

Sinais dos tempos, Ventos da História, e outras idiotices como estas são os “slogans” inventados por Satanás para mudar; mudar, sem razões válidas, sem objectivos definidos.

Há muitos anos, 1950 talvez, assisti a um encontro em que se defendia a Arte Nova em Lisboa. E os inflamados oradores insistiam em que é preciso mudar, destruir tudo o que está para traz; Miguel Angelo, Leonardo da Vinci, Bernini, os Palácios, as Catedrais, as Igrejas, as esculturas tudo deverá ser destruído.

E lhes foi perguntado: o que construireis em seu lugar? Ah! Isso não sabemos.

Este espírito iconoclasta chegou também à Medicina, aos hospitais, à formação dos médicos, e ao ensino da Medicina.

Em Portugal, assistimos a reformas seguidas de reformas, concebidas pelos génios do Século XX e XXI, que apenas querem dizer: “fui eu que fiz” - um EU muito grande – e que vão falhando com o decurso dos tempos. Hoje, os médicos que estão saindo das universidades estão menos preparados do que aqueles que saíam há 50 ou 60 anos.

### – Como se Constrói o Saber?

Em primeiro lugar definindo os símbolos: letras, palavras, números, sobre os quais se irá elaborar um raciocínio.

Diz o filósofo português, Alvaro Ribeiro:

**“A Filosofia pressupõe a Filologia; o amor do Logos**



**que possibilita e caracteriza o Sofos”.**

**“ Atender à etimologia é um exercício mental que introduz o estudioso na potencialidade da palavra, seja ela virtual ou manifesta”.**

Logo em seguida devemos definir Ciência; que afinal é o reconhecimento, identificação e, quando possível orientar, e sistematizar as Leis que, desde o princípio do cosmos, o supremo legislador impôs à Criação.

Hoje, os pseudocientistas pensam que fazem as leis da natureza. E pergunto: teria sido o Senhor Isaac Newton que inventou, definiu e determinou a Lei da Gravidade, quando, como se diz, a maçã lhe caiu sobre a cabeça enquanto dormia `a sombra da macieira? Ou a Lei já existia desde o princípio dos tempos, e o Senhor Newton apenas teve a clarividência de reconhecer a sua existência, e as suas premissas e consequências?

Na sequência do perseguir a participação da Sabedoria Divina, que é afinal o Saber e a Verdadeira Ciência, Louis Pasteur dizia:

**“A ciência dá um passo; depois outro; depois para e reflete, antes de seguir adiante”.**

E J. Leite de Vasconcelos nos diz:

**“Em coisas científicas precisamos de nos resignar, a cada instante; a cruzar os braços e a esperar. Quem tem pressa em concluir, nem sempre conclui bem”.**

Na eminência de ser universalmente conhecida a eficácia de sua vacina contra o Antraz, a “praga negra” que dizimou os rebanhos franceses, e respondendo a sua esposa Marie que lhe fazia notar o imenso trabalho que então se seguiria e o faria perder o repouso e talvez a saúde, Louis Pasteur respondeu:

**“Os benefícios da Ciência são para a humanidade; não são para os cientistas”.**

E, verdadeiros cientistas, ao descobrirem a existência do Rádio, da radioatividade e suas propriedades, os esposos Pierre Curie e Marie Curie, consideraram a possibilidade de patentear a sua descoberta. E chegaram à conclusão de que, reservando para si o monopólio dos benefícios da radioatividade, isso seria contra o Espírito Científico. Publicaram a sua descoberta; e nos Estados Unidos alguém a patenteou.

Todas estas considerações têm por finalidade única o vituperar e condenar os pseudocientistas de hoje que, levados pelo orgulho e pela soberba, todo o seu saber, e porventura todo o seu avanço nos conhecimentos adquiridos, se baseia em conhecimentos que lhes foram concedidos pelos outros cientistas que os antecederam.

Um exemplo: O Médico português, Amato Lusitano nascido em Castelo Branco em 1511 e falecido em 21.01.1568 vitimado pela peste em Salónica, na Grécia, foi o primeiro a observar, em 1547, a existência de válvulas nas veias, que determina a orientação do caminho a percorrer pelo sangue e assim abriu o pensamento para o reconhecimento da circulação do sangue no corpo humano. O que efectivamente foi descrito por William Harvey (1578-1657) no seu livro “Exercitatio Anatomica de Motu Cordis et Sanguinis in Animalibus”, publicado em 1628, oitenta e dois anos mais tarde. Nele foi descrita a pequena circulação – coração, pulmões, coração.

Resumindo: A Verdade está em que todo o saber humano, quer em conhecimento, quer no modo de transmiti-los, se baseia no saber adquirido pelas gerações anteriores, ao qual os novos investigadores irão acrescentar algo daquilo que eles próprios observaram e verificaram.

Pensando sobre mim próprio pergunto porque ainda estou vivo? Aos 25 anos de idade cursando o 5º ano da Faculdade de Medicina, fui afectado por tuberculose pulmonar. Por minha sorte muito recentemente tinha sido descoberta a “Estreptomicina” e “Rimifon”.

A primeira notícia de que uma infecção bacteriana activa era tratada pela aplicação da terra extraída de cemitérios, foi relatada no livro “O Segredo dos Médicos Antigos” - Hoje se sabe que, nessa terra, se encontra um fungo do género “Streptomices”, que é afinal o produtor da estreptomicina. E o Rimifon foi obtido na sequência dos estudos farmacológicos efectuados no laboratório “Roche”, na Suíça.

Mas o caminho para este tratamento fora aberto por Pasteur, ao identificar os microbios, por Robert Koch, ao isolar o bacilo de Koch, causador da tuberculose, e pela anti-sépsia, generalizada por Lister, na Inglaterra, que abriu caminho para a quimioterapia.

## **VII - Educação Médica**

Desde os inícios das civilizações conhecidas, os aspirantes aos conhecimentos sacerdotais, filosóficos, matemáticos, médicos, se agregavam aos grupos integrantes dos templos ou que rodeavam um mestre, ao qual serviam como servos, e do qual recebiam como paga os seus conhecimentos. Assim foi nas Universidades Portuguesas às quais D. Diniz o seu fundador, e mais tarde D. João III, ao instalar definitivamente em Coimbra, deu foros de independência e jurisdição académica.

Nos hospitais, as enfermarias eram chefiadas por seus Directores que junto de si tinham Assistentes que o auxiliavam no cuidado dos doentes, e no ensino de post-licenciatura, ministrado aos internos nas mesmas enfermarias. Embora o respeito, e muitas vezes veneração, que os Directores e Assistentes mereciam, nos cinco anos que duravam todos os internatos se estabeleciam por vezes fortes laços de amizade. Volto a dar um testemunho pessoal. Tendo sido admitido ao Internato Geral dos Hospitais Civis de Lisboa, passei um ano sob a direcção do Assistente da Enfermaria nº 2 de Medicina do Hospital de São José; Senhor Doutor Dom José de Mello e Castro. Completei os cinco anos de internato complementar de Cirurgia Geral circulando por todas as enfermarias das várias

especialidades, sem deixar de manter laços de amizade com o Sr. D.José. Em outubro de 1973, tendo sido mobilizado como Major Miliciano Médico Graduado fui enviado para chefiar os serviços de Cirurgia da Província de Timor. Passaram-se doze anos sem voltar a Portugal. Quando, e já no Brasil, fui a Portugal, visitei o Sr. D.José que na altura me disse: “Meu caro Ruivo; assim sempre me tratou; isto está muito mudado; as pessoas não são mais as mesmas. Nós não nos vemos há mais de 10 anos; mas continuamos amigos como sempre; não é verdade?”

O Sr. D. José era um dos representantes ilustres da velha nobreza portuguesa, e eu, desde sempre me tenho mantido fiel aos princípios que fizeram do Velho Portugal uma nação amada e respeitada pelo Mundo além. Fui sempre seu amigo fiel até à sua morte.

No meu aprendizado para médico, e depois para cirurgião, ainda aluno do 4º ano de Medicina fui aceito na equipe cirúrgica do Doutor José Manuel Granate, assistente da Cátedra de Patologia Cirúrgica a quem sempre considerei o terceiro mais hábil cirurgião de Portugal.

Com ele aprendi, além do comportamento deontológico em que era rigoroso, todos os fundamentos da cirurgia geral a que me dediquei. E nessa equipe, no Hospital Universitário permaneci dez anos.

Em 1961, ao fazer o Concurso Público para interno dos Hospitais Civis de Lisboa, sendo o Dr. Mário de Carvalho Conde, a quem considero, e não só eu, como o primeiro dos cirurgiões de Portugal, em conhecimentos e técnica cirúrgica, fui por ele convidado a integrar a sua equipe cirúrgica, aonde permaneci por mais dez anos, até à sua morte. Nesse concurso, entre 197 concorrentes para 33 vagas fui classificado em 3º lugar. Por sua morte, trabalhei ainda um ano na equipe cirúrgica do Dr. Neto Rebelo, que era considerado um dos melhores cirurgiões de Lisboa, e tinha operado o Sr. Dom Manuel Cerejeira, Cardeal Patriarca de Lisboa de um câncer no intestino, de que foi curado.

Não devo esquecer o cirurgião Dr. Fausto Cansado. Chefe de uma equipe do Serviço de Urgência do Hospital de São José, nessa equipe e ainda estudante, eu prestava 24 horas de serviço voluntário durante cerca de quatro anos.

Ao ser aprovado como Interno dos Hospitais, pedi para ser integrado na equipe cirúrgica que o Dr. Fausto Cansado chefiava no Hospital de Santo Antonio dos Capuchos.

Ao apresentar-me para iniciar o meu trabalho como interno, me disse êle: vou considerar o teu estágio na equipe de urgência do Hospital de São José como aprendizado. Portanto, amanhã, irás fazer a primeira apendicite como cirurgião. Foi uma honra, e o reconhecimento de meu trabalho constante e desinteressado. E, como não podia deixar de ser, suscitou a inveja e o protesto de outros internos. Mas isso passou.

Tudo isto pretende documentar a amizade e os conhecimentos transmitidos e adquiridos neste sistema organizacional em que, num mesmo sector de urgência do Hospital de São José, dos Hospitais Escolares de Santa Marta; e depois de Santa Maria, se chegaram a juntar 30 ou 40 médicos, de todas as especialidades; e que durante os cinco anos que durava o internato, permitia o estabelecer uma forte ligação de respeito e amizade.

Isto hoje não existe mais; porquanto é na emulação e concorrência entre a classe médica que os políticos podem manobrar.

– **Formação Técnica do Cirurgião**

Na formação técnica de um cirurgião, se me é permitido dizer, eu afirmaria que a primeira das qualidades exigidas é a

**“METICULOSIDADE”**

O nunca excessivo cuidado com o pormenor, evitaria talvez mais de 90% das possíveis complicações que podem observar-se no decurso de uma cirurgia, e que, as mais das vezes têm origem na “Displicência” resultante da excessiva

autoconfiança de um cirurgião que pode contar com, às vezes centenas de cirurgias em seu “*curriculum*”.

Desde criança aprendi com minha mãe: “Se vale a pena fazer, vale a pena ser bem feito”. E ainda: “Depressa e bem, não faz ninguém”; mas esta sabedoria popular é fruto do obscurantismo medieval...

Quais são então os passos necessários para o êxito, na condução de uma cirurgia?

1° Uma cuidadosa História Clínica obtida pelo próprio cirurgião, e não por um ajudante ou interno nos hospitais.

2° Um exacto diagnóstico, a que segue uma criteriosa confirmação obtida pelos exames complementares necessários, e só ele, evitando todos aqueles exames que se tornem supérfluos.

3° Uma minuciosa observação do estado geral do paciente, numa completa observação pré-operatória, feita pelo próprio cirurgião e não apenas pelos auxiliares.  
Isto evitaria, por exemplo, amputação de uma perna normal deixando de lado a perna doente que tinha na verdade a necessidade de cirurgia. Várias vezes os jornais se deliciam dando conta de erros destes.

4° Uma cuidadosa planificação da cirurgia a fazer, incluindo o estudo de possíveis complicações já conhecidas e descritas na literatura, que assim se evitaria repetir.

5° E, volto a insistir, sobretudo na cuidadosa meticulosidade do decurso da cirurgia, tendo em conta de que, a qualquer momento, pode surgir uma anomalia anatômica até então desconhecida.  
Logo nunca clampar e muito menos, nunca seccionar qualquer órgão ou tecido ou vaso, sem estar absolutamente certo na sua identificação.

6° Nunca ter pressa, lembrando sempre que uma cirurgia não é uma corrida

de formula 1.

Apenas duas situações a podem exigir: o trabalho de parto que, de repente impõe uma cesarea imediata, e uma hemorragia aguda que é preciso conter e controlar.

Hoje com o precioso avanço conseguido pela Anestesia, e a elevada qualificação e capacidade de nossos anestesistas, o tempo que demora uma cirurgia raramente conta.

Mais um exemplo de “displicência” exagerada. Ouvi um experiente cirurgião, no decurso de uma operação do períneo posterior, perineoplastia posterior, vaidosamente dizer: “Se há operação que eu sei fazer, é esta”. E no mesmo instante furou o recto com o bico da tesoura.

Facilmente se corrigiu o acidente; mas ele não voltou a falar até ao fim do processo cirúrgico.

Se havia necessidade de urgência, habilidade e velocidade cirúrgicas, era no tempo das guerras napoleónicas, nas quais, um cirurgião de batalha, chamado “Dielafoy” se a memória me não falha, conseguia fazer a desarticulação de anca “em 9 segundos”. Normalmente, hoje, pode demorar uma hora. Porque, o anestésico de que dispunha, e nem sempre, era uma garrafa de “cognak”.

Pessoalmente, em Sertanópolis, e num gravíssimo caso de “eclampsia aguda” que afectava uma jovem parturiente, consegui retirar do útero o bebé e a “criminosa” placenta num espaço de três minutos.

Mas estas são raríssimas excepções.

7º A cirurgia não acaba quando é dado o último ponto de sutura da pele. E o “post-operatório” imediato e subsequente deve ter a presença constante do cirurgião.

Isto aprendi dos meus três mestres, que sempre o faziam.

Mais um exemplo do não respeitar o binómio confiança-consciência.

Li nos jornais de São Paulo: A irmã do então Presidente Sarney foi submetida a uma colecistectomia pela presença de cálculos biliares, pela técnica de videolaparoscopia.

Desde que acordou da anestesia a senhora se queixava de dores no flanco direito. Assistida pelos ajudantes do cirurgião, foi medicada por eles com analgésicos.

Com o agravamento do quadro clínico, foi chamado o cirurgião que a operou e que a viu apenas no 5º dia do post-operatório.

Foi então diagnosticado, possivelmente, porque os jornais não informaram, uma perfuração do fígado, com instalação de uma gravíssima peritonite biliar, seguida de peritonite biliar, o que levou à morte da doente.

Por negligência no post-operatório, o Conselho Regional de Medicina de São Paulo, apenas puniu o cirurgião, de grande nome, com censura pública registrada nos jornais de São Paulo.

No caso não havia relação médico-paciente como George Duhamel definiu – confiança-consciência.

E se havia confiança, que certamente diminuiu em 5 dias, seguramente a consciência traiu a confiança.

E mais uma vez afirmo: Não cabe ao Estado ou a qualquer outra instituição, que dele dependa, a intromissão no binômio:

**“CONFIANÇA-CONSCIÊNCIA”**



## VIII - Conclusões

Chegados ao fim das minhas reflexões pessoais sobre medicina, médicos e doentes.

Me resta agora procurar documentar as afirmações que tenho vindo a fazer ao longo desta tão vasta exposição.

Assim –

Axioma –

Medicina não é matemática; não é estatística, sobretudo não é uma ciência exacta.

Dizia Pasteur: “ A natureza é por demais subtil para se repetir...”

Cada homem é único no mundo; em seu Ser, na sua personalidade , em suas expressões físicas e psíquicas, inclusive em suas

resistências físicas e psíquicas às agressões exteriores.

Ao médico cabe a arte de ser capaz de discernir os factos e lidar

com este maravilhoso mundo de realidades que é o homem integral. E o utilizar das técnicas hoje ao seu dispor que permitem sobretudo corroborar o juízo que tenham feito previamente sobre doente e doença.

Quando a luta de “egos”; ou o factor económico pressionam as acções médicas, assistimos ao crime que foi o prostergar os exames dos doadores de sangue, e que, em São Francisco de Califórnia aonde abundam os homossexuais, fosse transmitido o vírus da AIDS, o HIV, a milhares de doentes que morreram porque os laboratórios responsáveis pelas transfusões se recusavam, e respaldados pelos políticos, a fazer os necessários exames laboratoriais nos doadores.

Não lembro o nome; mas um filme que por duas vezes vi exibido na televisão, mostra a saga de um médico que ingloriamente lutou contra o poder político e económico.

Ainda nesse filme se documenta a luta entre os laboratórios americanos, e, segundo creio, o Instituto Pasteur de Paris, na luta judicial para obter o reconhecimento da primazia do isolamento do vírus.

Mais uma vez, o homem-doente não conta.

Vejamos agora uma prova em como as notícias veiculadas em todo o mundo podem ter uma origem comum, e objectivam a mesma desinformação. Neste caso concreto o não ser necessário os longos estudos preparatórios para o exercício da medicina. E não é de admirar pois, o Sr. Murdoch membro nato do Club de Bilderberg possui uma rede jornalística de mais de 450 editoras espalhadas em todo o mundo. E os principais jornais de Inglaterra, Estados Unidos, Austrália, Israel, Canadá, etc. etc. são todos de sua propriedade. Logo, neles se escreve o que ele manda.

Em 1973, estando ainda em Lisboa, o Jornal Diário Popular, em sua primeira página escrevia um artigo intitulado: “Médicos descalços, na China”.

E no seu arazoado se dizia que, na China, estes médicos descalços se formavam com dois anos de preparação: um ano de estudo e um ano de prática médica, incluindo acupuntura; findos os quais estavam aptos a curar todas as doenças.

Tinha um manual pelo qual aprendiam: para a dor de cabeça – dar duas aspirinas; para a diarreia dar comprimidos de Enterviaformio, etc.etc.

Em 1974, estando em Timor, no jornal diário de Timor li a mesmíssima notícia, inclusive em palavras iguais. Mandado para a Austrália acompanhando 52 feridos de guerra, no jornal “Sydney Morning Herald”, li a mesma notícia. Finalmente, chegado ao Brasil, li a mesma notícia, em 1978, publicada no jornal “Folha de Londrina”. Não resisti e escrevi uma carta ao meu grande amigo Sr.

João Milanez, que fez o favor de a publicar ocupando toda uma página de seu jornal.

Resumindo: além de depreciar todos os estudos médicos, o objectivo era exactamente quebrar a confiança na classe médica e destruir o seu prestígio junto das populações menos esclarecidas.

Em Timor, na invenção da guerrilha contra Portugal, nas reuniões de propaganda anti-portuguesas se dizia: os médicos progressistas chineses, operam os doentes mesmo debaixo das árvores, no mato, e ninguém morre. Os médicos fascistas, exigem hospitais e muitos aparelhos, e os doentes morrem quási todos. Uma paciente minha, que estava presente e tinha sido por mim operada por três

vezes, levantou-se e disse: “mas eu fui operada três vezes e estou aqui perfeitamente bem...” “Cale-se e fique sentada; ou será expulsa daqui”, foi a resposta que ouviu.

Não admira; em Angola e Moçambique a propaganda junto dos enfermeiros era: os médicos fascistas devem ser mortos; tu vais ser, de enfermeiro, promovido a médico, e serás nomeado ministro da saúde. E as almas simples, e no fundo boas, acreditavam ser isso possível.

Exemplo de descompromisso do médico com o doente:

Em Inglaterra, 1953 o meu chefe de equipe cirurgica Dr. José Manuel Granate, lá passara um ano especializando-se em cirurgia torácica, cardio-pulmonar, e assistiu ao seguinte: No decurso de uma operação, que se prolongara por várias horas, chegou as 16 horas. A cirurgia foi suspensa; a equipe que estava trabalhando saiu, e outra equipe entrou em seu lugar para terminar o serviço. Mais uma vez, para o médico, o operário, a máquina a consertar, o doente, não conta. E as relações pessoais médico-paciente deixaram de existir. E se houver erro, de quem é a culpa? a quem atribuir a responsabilidade? E quem seguirá o post-operatório?

Naquela época, o Sr. Wilson, do partido trabalhista (do “Labour”) tinha substituído o Sr. Churchill que deixara o cargo de Primeiro Ministro, após vencer a guerra. E instituiu a Socialização da Medicina Inglesa.

Dentro desse novo sistema, o único que poderia ter clinica privada, mesmo dentro dos hospitais públicos, era o Director dos Serviços.

“Mister Broock”, os cirurgiões ingleses recusavam o titulo de doutores que os médicos ingleses por muitos anos lhes recusaram, disse ao Dr. José Manuel Granate: se me pagar para uma cirurgia de aperto mitral, será operado já amanhã. Se entrar na lista de espera do serviço de saúde, será operado dentro de um ano. Só que as lesões até então estabelecidas no tecido pulmonar já serão irreversíveis, com os prejuízos delas inerentes. Isto é a Medicina Socialista em todo o mundo.

Em Lisboa, no Hospital Escolar de Santa Maria, os médicos permaneciam no serviço das 8 horas as 12 horas.

Na minha equipe cirúrgica, quando a cirurgia era mais complicada, se estabelecia uma escala: um ajudante de cirurgião voltava ao hospital às 16 horas, o outro voltava às 20 horas, e à noite pelas 22 horas voltava o chefe Dr. Granate.

Em qualquer outra cirurgia, ele sempre voltava à noite ao hospital. E sempre fiz o mesmo.

Isto era Medicina.

Em Timor, praticamente eu quasi vivia no Hospital; pois raro era o dia em que não tinha de voltar para uma cirurgia de urgência.

Na Austrália – trabalhei quasi dois anos no “Liverpool District Hospital” agregado à Faculdade de Medicina de Sydney.

E no Serviço de Urgência, aonde trabalhei a maior parte do tempo, em 16 horas de serviço cheguei a ver 100 doentes. Os outros cinco internos viram 20 cada um.

E porque os médicos titulares estavam em greve, no serviço de urgência apenas permaneciam os cinco internos, que cumpriam o estágio complementar para terminar o curso; e um “Registrar” um interno que se preparava para obter a qualificação de cirurgião.

Não havia um chefe responsável.

Relato agora um primeiro erro:

Os “meninos”, que para mim eram meninos, regulavam-se pelo livro de instruções, como os médicos descalços da China.

Um doente, timorense, de 85 anos de idade deu entrada no serviço de urgência com uma crise de hipertensão arterial, de Mx 25. Mn. 14. Foram-lhe ministradas seis ampolas de Lasix, tendo a pressão baixado para 16.0 x 10.0. Lhe aplicaram mais duas ampolas de Lasix; e a pressão baixou para Mx. 12,0 Mn. 8,0 - À noite deram-lhe dois comprimidos de Mogadon, tendo a pressão baixado para Mx. 8,0 M.6,0 – Ao que as esclerosadas artérias de 85 anos de idade, incapazes de se contraírem, recusaram a conduzir o sangue ao cérebro e às coronárias, e o senhor timorense fez a sua obrigação que era morrer.

Uma outra vez, fui chamado para junto de um doente em que, numa enfermaria, não urinava há mais de doze horas. E vi uma pessoa completamente desidratada. Mandei que se instalasse uma infusão de dois litros de soro fisiológico endovenoso, tendo que insistir junto da enfermeira que estava renitente. Uma hora depois se restabeleceu a função urinária.

A falha no ensino estava em que para se aprender a ser médico é preciso ver os mais experientes fazer muitas vezes, para se poder eficazmente actuar. E o ter presente um outro princípio da Medicina: “*Primum non Nocere*” (em primeiro lugar, não prejudicar). Todo o medicamento ingerido pode tornar-se um veneno. Logo, devemos aprender que se deve usar a menor quantidade de remédio que seja eficaz. O excesso pode matar, como aconteceu com o paciente timorense em Sydney, na Austrália.

Mesmo correndo o risco de ser acoimado de bajulador, lisongeador, ou mais “chamente” de “puxa-saco”, plebeísmo que me parece ser de significado mais impositivo, dando maior realce ao pensamento, quero deixar bem claro que, daquilo que pude observar que, nos médicos, na Medicina e Serviços Médico-Hospitalares do Brasil, com especial menção de um grupo de jovens internos que ao Hospital São Lucas vinham fazer os plantões noturnos, cheios de boa-vontade, interesse e idealismo, aqueles que são bons, estão, em capacidade intelectual e técnicas, e conhecimentos, muito acima da qualificação médica internacional. De imediato lembro os nomes de Zerbini e Pitanguy, dos mais recentes. Mas aqueles que são medíocres ou inferiores, estão muito abaixo dos padrões desejáveis; o que inclui qualidades humanas, técnicas e profissionais.

E me parece ser isto válido também para outras profissões.

Vejamos mais alguns erros médicos a que assisti, ou que me vieram parar às mãos.

- Um doente, com suspeita de pneumonia, trouxe-me uma radiografia de tórax, como tendo sido efectuada dele. Homem, no quadrado de identificação tinha o seu nome.

Observando a película, vi desenhados, na região inferior, os contornos de dois grandes seios.

O Relatório do Radiologista trazia o nome do paciente homem; e o colega não reparou (pressa ou desleixo?) que seios daquele tamanho nenhum homem tem. E o clínico que, antes de mim tinha observado a Radiografia, também os não identificou. Provavelmente leu o relatório e não chegou a ler a radiografia.

- Em outro hospital uma paciente foi levada ao centro cirúrgico para ser submetida a uma cirurgia a que costumavam chamar “fazer períneo e mediana”. A mediana significa a secção das trompas com o fim de obter a esterilização da doente.

O erro está em que, se operou, em primeiro lugar o períneo; e, com os mesmos ferros já contaminados pela flora vaginal, se fez a laqueadura das trompas.

Durante um mês, mais ou menos, a doente se queixava de dores abdominais, e febre elevada. A cada surto febril se ministrava um antibiótico que trazia a temperatura ao normal. E a cada surto febril se mudava o antibiótico.

Até que a paciente me veio parar às mãos com forte quadro séptico: febre elevada, fortes dores abdominais com enorme distensão do abdômem.

Levada ao centro cirúrgico, quando abri o peritônio, dele saiu sob pressão, mais ou menos 5 litros de pus esverdeado, que se espalhou pelo chão de toda a sala de operações.

Lavado todo o abdômem com litros de soro fisiológico, deixando nele antibiótico diluído em soro, e colocando drenos em todos os fundos de saco e na parede do abdômem, ao fim de duas ou três semanas a paciente recuperou completamente, excepto uma feia cicatriz que ficou no lugar da laparotomia.

- Uma aluna da UEL foi operada no H.U. por apendicite aguda.

Cerca de duas ou três semanas mais tarde apareceu-me na NUBEC com um quadro de dores abdominais e febre elevada.

Diagnostiquei um abscesso residual. Escrevi para o H.U. para reoperarem a doente.

Não atenderam ao meu diagnóstico. Eles eram os universitários. A doente acabou por regressar a sua terra, e lá reoperado abscesso residual. Algum tempo depois, voltou à minha consulta da NUBEC para dar conta do sucedido, então já completamente curada.

No H.U. se esqueceram que “pus, uma vez diagnosticado, deve ser operado”, porquanto nunca há reabsorção do pus formado; e o antibiótico controla a infecção, mas não a reabsorção do pus.

Numa entidade em que se admitia 15 minutos para cada consulta, um colega conseguia “ser visto” por 18 pacientes em 40 minutos.

Um paciente o consultou queixando-se de dores no flanco direito do abdômem. Como história pregressa se queixava de “hipertensão arterial” e “cálculos renais”.

O colega, de imediato requisitou vários exames de sangue e urina; um electrocardiograma e radiografias do abdômem.

Voltando à consulta com o resultado dos exames, o colega lhe disse que estava tudo bem e que podia voltar para casa.

Continuando com dores, queixou-se à Assistente Social no H.U. que se prontificou a levá-lo à minha consulta. O paciente recusava-se dizendo: não quero nada com os médicos. Ao que a Assistente Social insistiu em trazê-lo até mim. E fiz o que sempre tinha feito com todos os doentes: medi a temperatura, medi a pressão, eu não a enfermeira, auscultei o pulmão e o coração e, deitado o doente na marquesa, palpei o abdômem. Na fossa ilíaca direita, local das maiores dores, palpei um tumor do tamanho de um punho. Fez novos exames de sangue, urina e fezes (pesquisando sangue oculto) novo RX do abdômem e com sua chefe de serviço e enviei à consulta de cirurgia para ser operado com a possível urgência. (Mais uma vez: “tumor diagnosticado, deve ser operado”). O colega pediu uma colonoscopia e biópsia da mucosa intestinal e receitou-lhe anti-inflamatórios.

Naturalmente um tumor do intestino grosso infectado pela flora intestinal, diminuiu de tamanho com o uso dos anti-inflamatórios. Então lhe disseram para ir para casa e voltar um mês depois porque o tumor tinha diminuído.



Em todas estas andanças se passaram três a quatro meses. Voltando à consulta de cirurgia, decidiram a operação.

Aberto o abdome, a disseminação tumoral estava generalizada e apenas fecharam a laparotomia. O paciente tinha 39 anos de idade. Voltou à minha consulta para me dar conta destes factos queixando-se da sua morte iminente e de ter de deixar uma filha de 12 anos. Era de religião presbiteriana. Então lhe disse: Olhe lá: e Lá em cima não é muito melhor do que aqui?

E minha filha? me respondeu. Ao que lhes disse: - No Evangelho está dito que o Senhor cuida das avezinhas do Céu, e que até os cabelos da cabeça estão contados. Não cuidará ele de sua filha se você lhe pedir?

Não voltei a vê-lo. Mas soube, pela Assistente Social, que ele lhe disse: não sei porquê mas quando falo com aquele doutor, sinto-me mais animado.

Hoje o estado não deixa fazer isto.

Ainda mais dois casos de pacientes:

Um, em Lisboa – numa consulta de cirurgia geral, na Casa de Saúde dos Empregados do Comércio e Indústria de Lisboa foi-me enviada uma paciente jovem, com o diagnóstico de apendicite.

Fazendo a palpação abdominal não encontrei nenhum sinal de inflamação apendicular.

Pedi uma radiografia do tórax e lá encontrei uma pneumonia de base do pulmão direito, pelo que reenviei a paciente à consulta de medicina.

O colega talvez tivesse esquecido, que, uma pneumonia de base do pulmão direito, facilmente pode simular dores apendiculares, pela irritação do diafragma que provoca. E que, a dor provocada pela inflamação do apêndice cecal, sempre começa no epigastro; e que, quatro a seis horas depois se localiza então no ponto de Mac Burnay.

Em Sertanópolis: uma paciente, internada no hospital estava sendo tratada do coração por uma colega cardiologista. Era mãe de uma enfermeira. Como não melhorasse pediu-me uma cozinheira para que fosse vê-la. Tinha uma apendicite subaguda. Foi operada e desapareceu a doença cardíaca.

### **RESUMINDO**

É anti-humano tirar do acto médico as características que lhe são próprias e que George Duhamel sintetizou:

#### **“Acto-Médico encontro de uma confiança com uma consciência”**

Isto pressupõe dois-homens em presença e nunca um operário-técnico especializado e uma máquina a consertar ou a descartar.

A Humanização da Medicina que os nossos governantes tanto apregoam, só será possível quando os homens voltarem a ser homens – como aflitamente disse o Papa Paulo VI em Fátima em 13 de maio de 1967:

#### **“Homens, sede homens”**

e não os lobos vorazes em que agora se estão transformando.

A intervenção do Estado, abusiva e anti-humana a que se está assistindo na Medicina, e em todo o mundo, é absolutamente condenável no aspecto Moral.

E a Cultura da Morte, a que os “Senhores do Mundo” instauradores da Nova Ordem Mundial nos está levando, é em definitivo o oposto à Cultura da Vida

que o homem-médico, e desde os princípios de Hipócrates, deve cultivar e defender.

Chegamos a um momento em que só nos resta rezar e pedir a intervenção do Céu.

E eu creio que ela virá.

Obrigado pela paciência e caridade em me ouvir. Se fui útil e esclareci alguns dados e conceitos.

**“Damos Graças a Deus porque  
Ele é Bom, e é Eterna a  
Sua Misericórdia” (Salmo 117)**

F.J.D

José Ruivo da Silva